



Fuga do CORação

Eu quase havia perdido a esperança
de ver minha filha de novo

POR CATHERINE FOSTER

O DIA EM QUE minha filha de 14 anos fugiu de casa começou como outro qualquer. Os despertadores tocaram e todos se aprontaram para mais um dia. Foi só depois que as crianças saíram para a escola, quando eu estava sentada com uma



xícara de café olhando para as caixas à minha volta, que um vago mal-estar me perturbou.

Anna andava tão quieta, tão agradável – o que não era comum – que eu me perguntei se ela estava doente, ou se algo além dos altos e baixos de seu cotidiano a vinha atormentando. As crianças e eu estávamos voltando para a Nova Zelândia, minha terra natal, logo após o meu divórcio, e eu sabia que Anna não queria ir. Ela com frequência dizia por que, e aos gritos: suas amigas estavam em Londres; ela havia nascido em Londres; seu lugar era Londres.

Às seis daquela tarde, eu não tinha nenhuma notícia de Anna e ela não havia ligado para dizer onde estava. Às oito da noite eu já começava a entrar em pânico. Pus os meninos para dormir e comecei a ligar para as amigas dela. Uma me disse que Anna não fora à escola, e que havia mencionado, no dia anterior, que tinha umas coisas a fazer, por isso não iria. Minha cabeça já estava dando voltas. Ninguém tinha a menor idéia de que “coisas” eram aquelas, ou onde ela poderia estar. Liguei para a polícia.

O sargento me pediu que fosse à delegacia explicar os detalhes. Quando eu disse que não poderia deixar meus filhos sozinhos em casa, ele explicou que eu poderia ir de manhã. “Até lá ela provavelmente estará de

volta”, acrescentou. Passei a noite em claro, revirando-me na cama e olhando pela janela. Não acreditei no otimismo do policial. Algo me dizia que minha filha não ia voltar.

Uma semana depois, a polícia colocou o nome de Anna na lista de desaparecidos. E me aconselharam a ter paciência; Anna acabaria aparecendo. Mas isso não aconteceu. Ela não en-

trou em contato com as amigas, com o pai, nem mesmo com o Exército da Salvação. Sua conta bancária não havia sido tocada.

Semanas viraram meses. Com o passar do tempo e a falta de notícias, a polí-

cia começou a temer pela segurança de Anna. Eu estava consternada, paralisada. Não podia acreditar que minha filha estivesse morta.

Eu falava com todos os sem-teto que encontrava, mostrava fotos, perguntava por ela. Mas as respostas eram sempre vagas. Quando alguém pensava ter visto, em algum lugar, uma menina parecida com Anna, eu corria para lá. Visitei favelas, trens parados cheios de pessoas que não tinham onde morar, hotéis e calçadas onde havia mendigos dormindo. Enfim, vasculhei todo o *underground* do país, mas não a encontrei.

Nove meses se passaram. Então, numa manhã, um cartão-postal apareceu no capacho em frente à minha porta. Na parte da frente havia a foto

Talvez ela voltasse. E a vida pudesse **recomeçar para nós.**

de uma estátua da era vitoriana. No verso, três letras: XX, A.

Foi uma grande surpresa. Anna estava viva e mandava beijos (XX = kisses = beijos). Nenhuma palavra, é verdade, mas pelo menos ela fizera contato. O carimbo postal estava borrado, mas a polícia descobriu que se tratava de uma cidadezinha perto de Oxford.

Eu não podia acreditar. Era um lugar que havíamos visitado nas férias e que Anna tinha odiado. Mas o cartão-postal esclareceu ainda mais. Era na verdade uma foto, não um cartão-postal comum. E eu esperava que ele me levasse até minha filha.

Fui para Oxford aturdida. Uma amiga se ofereceu para cuidar dos meninos pelo tempo que eu precisasse. Eles também estavam ansiosos. Talvez a irmã voltasse. Talvez a vida pudesse recomeçar para todos nós.

Entrei em contato com a polícia assim que cheguei a Oxford e descobri que a estátua ficava nos arredores da cidade. Fui até lá e procurei, mas, além de uma praça em que uns poucos jovens desocupados vadiavam, não havia lugar algum onde Anna pudesse estar.

Peguei a foto de novo e dessa vez um dos jovens olhou-a por mais tempo do que o normal. “Sim”, disse ele finalmente, tinha visto minha filha. Havia uma fazenda ali perto onde as pessoas faziam trabalho temporário colhendo frutas. Talvez ela estivesse lá. Comecei a ter esperança. Anna estava por perto. Eu podia sentir.

Parei diante dos portões da fazen-

da. E se ela não quisesse me ver? E se fugisse mais uma vez? Bati na porta de uma casa de fazenda malcuidada. Uma mulher abriu. Aparentava ter a minha idade, exibia um ar preocupado e estava meio desarrumada. Seu rosto era gentil, e a expressão, de curiosidade. Quando expliquei o que me levava ali, mostrando a foto mais uma vez, ela parou por um momento e, sem nada dizer, pôs a mão no meu ombro e me levou para dentro.

Sentada numa cozinha ampla nos fundos da casa, lá estava Anna. Como havia chegado ali, por que fora parar numa região rural do interior da Inglaterra, bem, essa era uma longa história que foi sendo contada aos poucos, nos meses que se seguiram.

Mas eu estava certa. O cartão tinha sido um sinal. Anna queria que eu a encontrasse. Ela precisava saber que era importante o suficiente para ser procurada. Queria voltar, mas com o orgulho intacto. Eu não me importava com isso. Quaisquer que fossem seus termos, eu os aceitaria. Estava feliz por reencontrar minha filha, tocá-la, sentir seu cheiro e tê-la em meus braços. Tê-la de volta em casa.

Anna passou as primeiras semanas foragida com um adolescente que havia conhecido nas ruas, dormindo em trens parados, pedindo esmola e cantando para os transeuntes. Com medo de ser reconhecida, ela foi para Oxford, onde, após ler um anúncio de jornal, arranhou o trabalho temporário de colhedora de frutas na fazenda em que a encontrei. ■